Homenagem a Emilio Mira y López e Francisco Campos

Franco Lo Presti Seminério

Nossa tarefa, neste instante, não é apenas a de cumprir uma obrigação histórica: rememorar a figura e a obra de Emilio Mira y López, para quantos receberam uma parcela de seu saber. É a própria preservação desse legado, hoje institucionalizado em nosso meio, através de uma obra de projeção internacional.

Cabe-nos, neste momento, prestar esta significativa homenagem, e tentaremos fazê-lo por uma faceta cuja amplitude transcende as fronteiras de nosso país, ao buscarmos um sentido estrutural para suas propostas científicas. Mas é com orgulho que poderemos também aquilatar o quanto dessa contribuição veio a ser desenvolvido em nosso meio.

A obra de Emilio Mira y López está hoje incorporada ao patrimônio científico e cultural da humanidade. Sua participação no desenvolvimento da psicologia representa um marco firmemente estabelecido e internacionalmente reconhecido. Não necessitaria, a rigor, de qualquer tentativa de realce. No entanto, como toda obra criativa, abre-se constantemente a um amplo leque de perspectivas heurísticas que sua interpretação possibilita. Por mais de uma vez já tentamos apontar um conjunto de dimensões que essa obra contém, de forma implícita, mesmo que, ao longo do tempo, não tenham chegado a ser explicitadas de modo completo. Mas esse desdobramento, cremos nós, deverá se descortinar gradualmente, a quem se

debruce na tentativa de aprofundar, de modo comparativo, os fios dessa infra-estrutura teórica subjacente.

Há pelos menos três diretrizes, na contribuição de Mira y López, que se tornaram bem conhecidas na vertente da psicologia aplicada. O que tentaremos destacar é a vasta plataforma teórica e epistemológica que se desdobra por trás da perspectiva pragmática e aplicativa.

Essas três diretrizes envolvem efetivamente proposições teóricas de alta generalidade para alguns problemas essenciais da psicologia contemporânea. Por um lado, proposta de integração renovadora perante a disputa das teorias fatorialistas, por outro, tentativa de categorizar as dimensões da ação humana, e, finalmente, um desenvolvimento original da teoria motriz da consciência. Cada uma dessas três facetas ocupa uma posição bem clara e expressiva ao longo da trajetória histórico-científica em que se enquadra.

Assim, a clássica distinção acerca da inteligência humana em suas três vertentes – abstrata, verbal e espacial – representou uma hipótese capaz de superar a ambigüidade endogenista do fatorialismo, sem cair na aleatoriedade sociogênica das variações culturais da tese ambientalista e multimodal. Representou, assim, uma proposta capaz de ultrapassar a ambigüidade endogenista da solução multifatorial, sem incorrer no equívoco oposto. Uma solução que hoje se acha consubstanciada num modelo largamente adotado e até consagrado pelas equipes da OIT desde 1965.

Mas o mais importante é que essa diferenciação Mira y López a inseriu num conjunto de quatro dimensões definidas desde sua tese de doutoramento de 1923, das quais as três restantes visavam abarcar as polarizações básicas de toda ação humana, nos termos das clássicas antinomias por ele elaboradas: físico-mental, perceptual-reacional, automatizável-variável.

A diferenciação físico-mental poderia ser entendida como uma antecipação da distinção adotada por N. Wiener, na década de 40, entre atuação a nível de energia ou de informação. Da mesma forma, a polaridade automatizável-variável poderia ter antecipado um importante problema da inteligência artificial, onde essa dimensão reaparece hoje na antinomia de "algoritmos" e "heurísticos". Finalmente, também, a quarta dessas dimensões teve um claro caráter antecipatório: ao diferenciar a conduta perceptual da reacional, completou a feição de um modelo que hoje se tornou clássico na teoria da informação e que aponta, nas suas extremidades, a conhecida dicotomia de *input* e *output*.

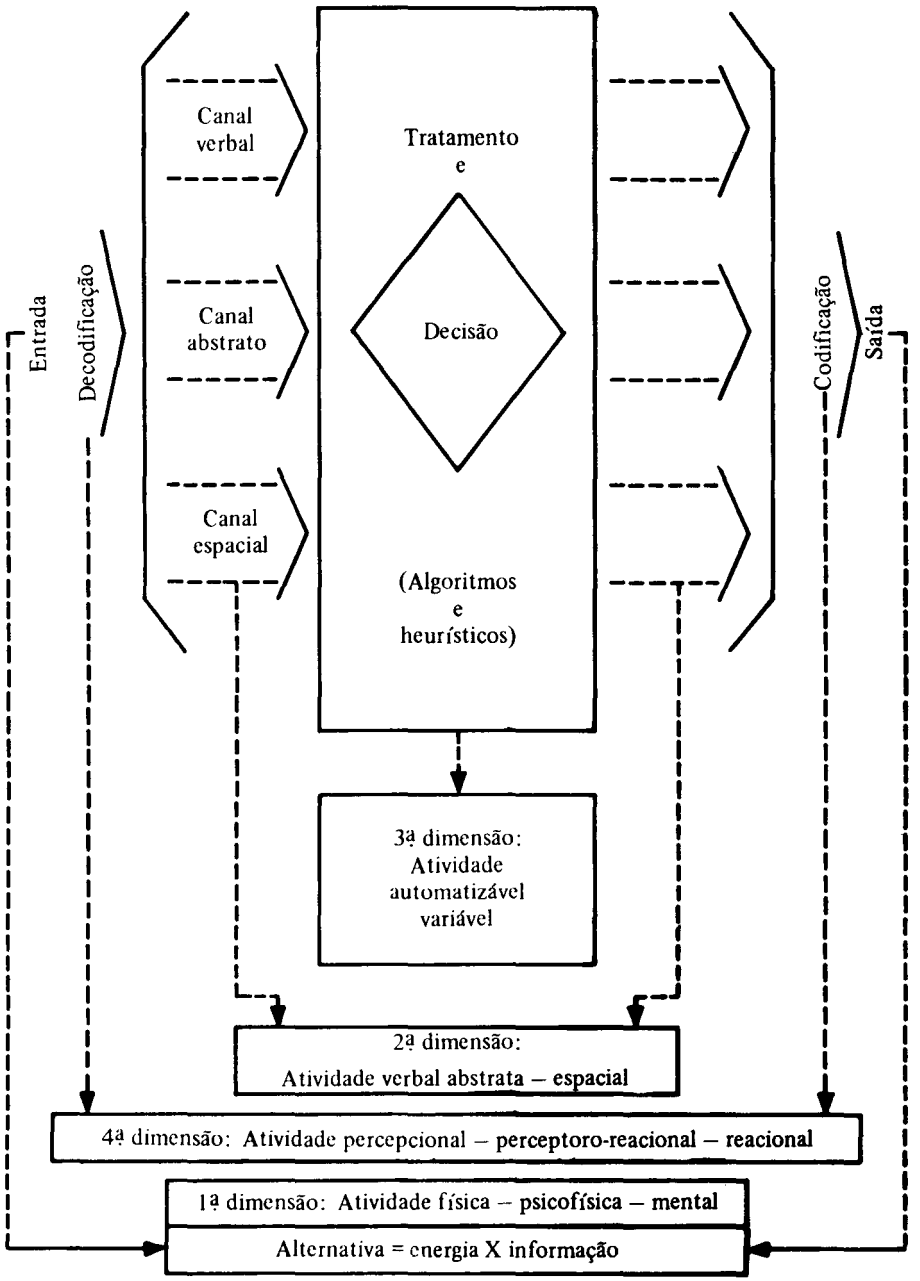
Assim, uma releitura das dimensões propostas por Mira y López mostraria, de modo bastante claro, até que ponto uma integração estruturada de suas proposições antecipou esse modelo informacional.

Mas seria através de um amplo desdobramento da teoria motriz da consciência que Mira y López encontraria sua mais fecunda contribuição num plano que estabelece uma fronteira com o conceito etológico de territorialidade e com o modelo homeostático da psicologia dinâmica.

Há uma relação implícita, na concepção de Mira y López, entre a conduta incorporada pelo hábito, a cristalização decorrente de posturas corporais em idéias-força dotadas de sentido e direção e a construção de um espaço psicológico em três planos impregnados de significação. Um espaço anisotrópico, portanto, no qual a tônica, colocada originariamente pela gestalt sobre a percepção, desloca-se para a ação e a motricidade.

Entre as polaridades dessa ação, uma merece destaque especial: é a bipartição do sentido da angústia. Enquanto na obra fundamental de Freud esse tema se

Fluxograma 1



configura de modo unitário, Mira y López evidenciou o seu desdobramento em termos sintomáticos, pela projeção da ação motora no espaço: como angústia bloqueante estaticogênica e como ansiedade descoordenada e dinamicogênica.

Não poderíamos encerrar esta sucinta resenha sem nos reportarmos à concepção original que Mira y López soube atribuir ao princípio da especialização dos hemisférios cerebrais, situando, em cada um, um momento da construção última de cada ser humano: o arcaico, arraigado nas raízes biológicas do genótipo, que se expressa pelo hemisfério primitivo não-dominante e o mais recente adquirido e enculturado que se manifesta pelo hemisfério dominante.

Não temos a pretensão ou a ilusão de sermos exaustivos em nossa análise: a obra de Emilio Mira y López inclui uma ampla gama de intuições geniais, por vezes esparsas e que ele mesmo não chegou a reunir num sistema unitário.

Cabe a nós, herdeiros de seu saber e de seu legado, destacarmos essa unidade como um tributo devido ao nosso mestre comum, como uma homenagem para quem soube traçar novos caminhos para todos nós.

E nessa jornada, mais um grande mérito lhe deve ser creditado: o de ter trazido para o nosso meio e para o nosso convívio outra incomparável figura humana. Queremo-nos reportar ao nosso caro mestre e amigo, o Dr. Francisco Campos, a quem neste instante queremos tributar a homenagem à qual fez e faz jus, pelo que trouxe com sua experiência, pelo que criou com seu saber, pelo que sentiu com sua ampla visão, voltada para os problemas da ciência e da sociedade.

Pessoalmente é muito significativa para mim esta tarefa. Se estou aqui, hoje, na qualidade de diretor do ISOP devo esta presença a Francisco Campos que outrora me trouxe para esta instituição convidando-me a tornar seu assistente e seu substituto. É esse um título de que muito me vanglorio, principalmente pelas qualidades profundamente humanas e pelo vasto saber de quem me dirigiu esse convite há 26 anos.

Dotado de uma sólida cultura humanística, construída e consolidada ao longo de sua primeira formação em letras, sabia inserir temas e problemas da psicologia em uma perspectiva histórica e social. Convocado por Mira y López para vir ao Brasil a fim de assumir a chefia da divisão de seleção do ISOP, percebia as dimensões de toda realidade profissional dentro de um contexto bem mais abrangente. Relembro nitidamente os conflitos que ele me confidenciava quanto à validade técnica e ética do processo seletivo. Técnica, face à incontrolável margem de erro do instrumental disponível e ética, face ao corte abrupto na caminhada existencial de muitos seres humanos.

Relembro como antecipava uma polêmica hoje corriqueira quanto ao papel do psicólogo do trabalho e às ambiguidades de sua contribuição social. Relembro sua clara visão de uma psicologia centrada nos problemas do trabalhador e voltada para resolvê-los.

Em quase todas as suas publicações esse problema, sob diferentes facetas, reaparece. Dois trabalhos chamam especialmente a atenção: o artigo comemorativo dos primeiros 10 anos do ISOP – Problemas humanos na seleção profissional – e a histórica apresentação no X Congresso de Psicologia, realizado em Lima – La psicología como arma contra el subdesarrollo. Esta conferência, sem dúvida, representou um marco, um alerta e um convite a todos os psicólogos do Terceiro Mundo a se unirem para a solução de problemas. No entanto, o verdadeiro legado de sua experiência e de seu saber é o longo artigo que figura no número comemorativo dos 25 anos do ISOP, no qual consubstanciou o produto de conhecimentos

acumulados no tempo na Divisão de Seleção do ISOP e que representou, talvez, o testemunho mais expressivo desse quarto de século de atividades do Instituto.

Trabalhador sério, silencioso, só não conseguia atribuir o verdadeiro valor às suas próprias realizações. Por isso cabe-nos hoje registrar um certo hiato entre a amplitude criativa de seus trabalhos e a limitada divulgação correspondente.

Basta pensar na gigantesca obra, talvez única no mundo, do diagnóstico educacional por ele realizado em todo o território nacional, que submeteu mais de 40 mil estudantes a provas comparativas, de seus conhecimentos, de seus interesses, de suas aptidões, e conseguiu correlacioná-las com o tipo de ensino de escola, de comunidade e de situação geográfica, econômica e familiar. Foi através desse trabalho, digno de ser erguido como o paradigma da pesquisa de campo em nosso país, que revelou sua plena integração e seu verdadeiro amor pela nação brasileira.

Não poderia concluir sem destacar uma de suas mais importantes contribuições técnico-científicas, qual seja a criação de um rico e valioso instrumento de diagnóstico psicológico: a entrevista coletiva. Acompanhamos de perto essa elaboração e pudemos registrar, pela bibliografia internacional, que, realmente, até aquele momento não existia nenhum tipo de instrumento congênere.

Hoje esse instrumento é amplamente difundido em nosso meio, embora suas verdadeiras origens continuem permanecendo escassamente conhecidas.

A contribuição de Francisco Campos para o desenvolvimento da psicologia brasileira é um motivo de orgulho para todos nós que tivemos a ventura de trabalhar sob sua orientação. Sua figura continua entre nós como um exemplo moral de dedicação, de desprendimento e de estímulo a crer no papel do psicólogo e no engajamento do saber para a solução dos problemas sociais.